

A Conversão Proustiana do Tempo Perdido no Tempo Redescoberto

RESUMO: Marcel Proust fez da memória o instrumento privilegiado de sua criação literária, assumindo existencialmente a busca do tempo perdido, transformada em suprema vocação artística. A cuidadosa análise da conhecida distinção proustiana entre as duas memórias servirá de prólogo para a interpretação da memória involuntária como o fundamento da *Recherche*. A originalidade de Proust sobressai com mais nitidez na comparação com a teoria da *durée* de Henri Bergson, com sua igualmente famosa, mas radicalmente diversa, diferenciação entre as duas formas de memória. Do contraste entre as duas visões, a reflexão sobre a singularidade do romancista adquire mais profundidade e os pilares que sustentam o imenso edifício da recordação proustiana podem ser vistos sob nova luz.

PALAVRAS-CHAVE: Proust; Bergson; memória; temporalidade.

Maluh Guimaraens
Doutoranda em Poética - UFRJ.

I. Proust e Bergson: As Diferenças na Semelhança

Je sens tressaillir en moi quelque chose qui se déplace, voudrait s'élever, quelque chose qu'on aurait désancré, à une grande profondeur; je ne sais ce que c'est, mais cela monte lentement; j'éprouve la résistance et j'entends la rumeur des distances traversées.

(Marcel Proust, Du côté de chez Swann, p. 46) (1)

(1) Marcel Proust. *À la Recherche du Temps perdu*. Paris, Gallimard, 3 vols., "Bibliothèque de la Pléiade".

Bergson começa seu estudo por uma crítica da percepção, que ele divide em percepção pura, que existe de direito, mas não de fato, e percepção acompanhada de memória, tal como ela funciona realmente no homem. É a propósito desta conjunção de percepção e memória que ele lança a sua conhecida distinção entre as duas formas da memória. A primeira é a memória-hábito ou sensorio-motora, que nada mais é senão o mecanismo da memorização, que "tem todas as características de um hábito" e, "como o hábito, é adquirida pela repetição de um mesmo esforço" (2). Existe, porém, um outro tipo de memória, que se poderia

(2). Henri Bergson. *Matéria e* ↘

Memória (Ensaio sobre a relação do corpo como espírito). S. Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 61.

dizer pura ou espontânea, na qual a imagem se imprime necessariamente de imediato na memória: “É como um acontecimento de minha vida; contém, por essência, uma data, e não pode conseqüentemente repetir-se” (*Op. cit.*, p.61). Entre as duas formas, existe uma diferença de natureza e não apenas de grau. As teses de Bergson constituíram um grande avanço com relação às teorias então vigentes, que localizavam as lembranças no cérebro e consideravam a memória como um hábito fisiológico. Em contrapartida, aos olhos de Bergson, a memória espontânea é absolutamente independente do cérebro; visto que ela é tributária do espírito, é nele que ela se conserva. Com efeito, de acordo com o filósofo, a formação da lembrança não é jamais posterior à da percepção: ambas são contemporâneas. À medida que a percepção se cria, sua lembrança “se profile à ses côtés, comme l'ombre à côté du corps. Mais la conscience ne l'aperçoit pas d'ordinaire, pas plus que notre oeil ne verrait notre ombre s'il l'illuminait chaque fois qu'il se tourne vers elle” (3). Se a lembrança sobrevive à percepção é justamente porque aquela é espiritual, enquanto esta é material. Ora, se os dois tipos de memória são radicalmente diferentes, também o reconhecimento processa-se nos dois casos de modos inteiramente distintos. A memória-hábito é uma ação, enquanto a memória espontânea é uma representação; a primeira *repete* e a segunda *imagina*:

(3) Apud Joyce N. Megay. *Bergson et Proust. Essai de mise au point de la question de l'influence de Bergson sur Proust*. Paris, J. Vrin, 1976, p. 77.

Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo. Também o passado a que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para adiante nos leva a agir e a viver. (Matéria..., p.63-4)

Esta passagem parece aproximar a memória espontânea de Bergson da memória involuntária de Proust. No entanto, o que o filósofo pretende no trecho citado é, acima de tudo, firmar o contraste entre as duas formas da memória, assinalando a possibilidade extrema da memória pura. A Bergson muito mais interessam as formas mistas da memória, em que a consciência, num esforço *sui generis*, substitui à imagem espontânea um mecanismo motor capaz de supri-la em sua ausência, dispensando o aca-

so de uma repetição accidental para organizar em hábito os movimentos concomitantes (*Op. cit.*, p. 66). Este fenômeno misto, no qual a memorização é acionada e o acaso, despotenciado, não corresponde de forma alguma à memória involuntária de Proust. Todavia, o que Bergson privilegia acima de tudo é o que ele denomina de memória consciente, aquela que, de fato, se verifica na experiência cotidiana da vida. Ela resume o próprio movimento da memória que trabalha, que se traduz num verdadeiro esforço do espírito:

Trata-se de recuperar uma lembrança, de evocar um período de nossa história? Temos consciência de um ato *sui generis* pelo qual deixamos o presente para nos recolocar primeiramente no passado em geral, e depois numa certa região do passado: trabalho de tentativa, semelhante à busca do foco de uma máquina fotográfica. (*Op. cit.*, p. 110)

Convém ressaltar que este desligamento do presente não é o relaxamento da atenção à vida que conduz ao sonho. Aqui, o desligamento é indispensável, pois, para reencontrar o passado, não se pode partir do presente, mas deve-se dar um autêntico salto no passado em geral, que é o passado da “lembrança pura”, aquela que não tem nenhum contato direto com o presente. Na evocação voluntária de uma lembrança, o trabalho do espírito consiste em atravessar um a um os diferentes planos da consciência, numa direção determinada, até alcançar a reminiscência almejada a fim de recolhê-la (*recollect*, como se diz “lembrar” em inglês) e recordá-la (isto é, trazê-la de volta ao coração). Trata-se, portanto, de um reconhecimento inteligente, dirigido pela vontade, posta a serviço da recordação. Esta operação voluntária da memória é, como se verá adiante, o ponto de encontro entre as concepções bergsoniana e proustiana das duas memórias.

Em entrevista concedida a Elie-Joseph Bois, publicada em *Le Temps*, em 1913, às vésperas da publicação do primeiro volume de seu romance, Proust afirma: “(...) mon oeuvre est dominée par la distinction entre la mémoire involontaire et la mémoire volontaire, distinction qui non seulement ne figure pas dans la philosophie de M. Bergson, mais est même contredite par elle” (apud *Bergson et Proust*, p.17). Por que Proust sustenta que a sua distinção entre as duas memórias não só não encontra eco na filosofia bergsoniana, como, principalmente, é contradita por ela? No que diz respeito à memória vo-

luntária, primeiramente, o escritor tem uma atitude ambivalente. A mais freqüente é a atitude negativa, que tem uma certa tonalidade bergsoniana, já que redundante, em última análise, numa crítica da inteligência, compartilhada pelo filósofo. Pouco antes do “milagre” da “madeleine”, o Narrador lamentava-se só possuir de Combray uma única recordação: a noite que sua mãe passara com ele. Combray, todavia, compreendia outros momentos, “mas como o que eu então recordasse me seria fornecido unicamente pela memória voluntária, a memória da inteligência, e como as informações que ela nos dá sobre o passado não afirma categoricamente que todos os esforços da inteligência são inúteis para evocar o passado. A seguinte passagem, retirada de *O Tempo redescoberto*(4) ilustra perfeitamente o que Proust denominava de memória voluntária:

(4) Marcel Proust. *O Tempo redescoberto* (t. Lúcia Miguel Pereira). Rio de Janeiro, Editora Globo, 8.ed., s/d.

(...) Certamente podem-se prolongar os espetáculos da memória voluntária, que não demandam esforço maior do que o de folhear um livro de figuras. Assim como outrora (...) do pátio ensolarado de nossa casa de Paris eu contemplava preguiçosamente, à minha escolha, ora a praça da igreja em Combray, ora a praia de Balbec, como teria enchido de paisagens a claridade reinante folheando um caderno de aquarelas feitas nos diversos lugares onde estivera e, com prazer egoísta de colecionador, dissera a mim mesmo: “Afinal, vi muita coisa bela em minha vida” (p. 154).

Entretanto, a memória voluntária tem também funções positivas, a mais importante das quais é vir em socorro da memória involuntária, quando do ressurgimento de uma reminiscência antiqüíssima, perdida na noite dos tempos, a fim de resgatá-la para a luz e dar-lhe contornos nítidos.

Mas é na memória involuntária que repousa toda a força e toda a singularidade da *Recherche*. Oferecendo à consciência fragmentos preciosos de um passado de outra forma irremediavelmente perdido, em contraste com os fragmentos inertes e sem vida reconstituídos pela memória voluntária, a memória involuntária é a verdadeira alavanca da redescoberta do tempo. A análise meticolosa do célebre episódio da “madeleine” (*No caminho de Swann*, 45-47), em suas várias etapas, é o melhor roteiro para surpreender e acompanhar a atividade íntima da mais proustiana de todas as operações poéticas:

Primeiro momento: o *acaso* faz o Narrador reencontrar o objeto material no qual se esconde uma sensação idêntica à expe-

rimentada outrora: “Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremecei, atento ao que se passava de extraordinário em mim”. A atitude do Narrador é de alerta em todos os seus sentidos.

Segundo momento: irrupção de uma alegria intensa e poderosa, nunca antes experimentada: “Invadiu-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa”. O Narrador sente em si mesmo uma “preciosa essência”, que não é outra senão o seu eu profundo: “Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal”. Até aqui, a experiência é estritamente involuntária.

Terceiro momento: Desejo de compreender, de interpretar, de conhecer o porquê daquele instante tão singular: “De onde me teria vindo aquela poderosa alegria?” Após infrutíferas tentativas de repetir a experiência, intervém a atividade do espírito: “Depo-nho a taça e volto-me para o meu espírito. É a ele que compete achar a verdade”. Entretanto, não se trata de procurar, mas de criar; o explorador (o espírito) se converte no próprio “país obscuro” a ser explorado: “Está em face de qualquer coisa que ainda não existe e a que só ele pode dar realidade e fazer entrar na sua luz”. Esta etapa é claramente voluntária.

Quarto momento: “Peço a meu espírito um esforço mais, que me traga de volta a sensação fugitiva”. O esforço, todavia, é vão, e o Narrador se coloca *voluntariamente* na atitude de distração, de relaxamento da atenção, que precedera o primeiro momento. Ele permite ao espírito repousar e refazer-se antes de empreender “uma tentativa suprema”.

Quinto momento: Nova tentativa de um profundo esforço de reconhecimento: “... sinto estremecer em mim qualquer coisa que se desloca, que desejaria elevar-se, qualquer coisa que teriam desancorado, a uma grande profundidade; não sei o que seja, mas aquilo sobe lentamente; sinto a resistência e ouço o rumor das distâncias atravessadas”. Somente neste instante, o Narrador se apercebe de que “o que assim palpita no fundo de mim, deve ser a imagem, a recordação visível que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até chegar a mim”. É esta etapa de atenção ativa e de esforço voluntário e consciente de memória que precede imediatamente a localização da lembrança.

Sexto momento: Reconhecimento da sensação idêntica da “petite madeleine” saboreada no quarto da tia Leónie: “E de súbito a lembrança me apareceu”. A partir do quarto, ressurreição da

casa, do jardim, da rua, de toda Combray e da infância em sua integralidade: “Mas quando mais nada subsistisse de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, - sozinhos, mais frágeis, porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, - o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação”. Sentimento de felicidade intensa.

Sétimo momento: Desejo de conhecer a fundo a causa daquele êxtase extraordinário. Entretanto, a explicação será adiada para muito mais tarde: “... embora ainda não soubesse, e tivesse de deixar para muito mais tarde tal averiguação, por que motivo aquela lembrança me tornava tão feliz”.

Uma comparação com a filosofia bergsoniana impõe-se neste ponto para que se possa avaliar a justeza da observação de Proust na entrevista mencionada acima. O primeiro momento figura em Bergson, que o interpretaria como o “salto no passado em geral”, referido anteriormente, porém a alegria intensa que caracteriza o segundo momento, cerne da concepção proustiana da memória, é totalmente ausente da filosofia bergsoniana. O terceiro momento, tal como o quinto, se assemelha bastante à “memória consciente” de Bergson, com a diferença que o Narrador busca, nesta etapa, muito mais uma verdade do que uma lembrança. Além disso, ao Narrador claramente se afigura nesse instante que se trata de *criar* alguma coisa, enquanto Bergson equipara o trabalho do espírito à “busca do foco de uma máquina fotográfica”. O quarto momento, em que se verifica uma repetição *voluntária* do estado de devaneio e desatenção, lembra a forma mista da memória estudada por Bergson, em que um mecanismo motor busca substituir a própria imagem, dispensando o acaso de uma repetição acidental. O sexto momento é a coroação do esforço do espírito e a potenciação da vontade de compreender. Para Bergson, pelo contrário, uma ressurreição desse gênero só seria possível mediante um relaxamento total da atenção intelectual, voltando-se as costas para o vértice do cone, imerso no presente, e entregando-se à contemplação da vasta base, submersa no passado. Finalmente, o sétimo momento, em que o Narrador experimenta a intensa alegria de viver simultaneamente no passado e no presente, graças à repetição de um momento idêntico,

é francamente contrário à filosofia bergsoniana, que refuta categoricamente a possibilidade, não apenas de se viverem ao mesmo tempo dois instantes destacados da duração concreta, como também de se repetir uma experiência profunda. A memória que repete é a memória-hábito, sensório-motora, que procura no repertório de gestos pretéritos o que mais se adapta às necessidades presentes. Profundamente entranhada no fluxo contínuo do devir, a memória espontânea, por sua vez, jamais duplica uma percepção nem repete uma vivência, precisamente porque, sendo a duração mobilidade ininterrupta, cada mudança qualitativa afeta a totalidade da consciência, impossibilitando a produção de dois momentos idênticos no curso de uma vida. Bergson avalia que a repetição é psicologicamente impensável. Em virtude da sobrevivência integral do passado e da pressão constante que ele exerce sob a forma de tendência, é impossível para uma consciência atravessar duas vezes o mesmo estado: “Les circonstances ont beau être les mêmes, ce n’est plus sur la même personne qu’elles agissent, puisqu’elles la prennent à un nouveau moment de son histoire. Notre personnalité (...) change sans cesse. En changeant, elle empêche un état, fût-il identique à soi-même en surface, de se répéter jamais en profondeur (apud *Bergson et Proust*, p. 108). Portanto, se Proust exagerou, talvez, ao negar que a *distinção* entre a memória voluntária e a involuntária figurasse na filosofia de Bergson, por outro lado, o que ele entende por memória involuntária não é exatamente a mesma coisa que a memória pura ou espontânea de Bergson, sendo que o que ela possui de mais próprio e mais interior é, de fato, contestado e contradito pela duração bergsoniana.

Segundo Bergson, a totalidade do passado está conservada no subconsciente: “Je crois que notre vie passée est là, conservée jusque dans ses moindres détails, et que nous n’oublions rien, et que tout ce que nous avons perçu, pensé, voulu, depuis le premier éveil de notre conscience, persiste indéfiniment” (apud *Bergson et Proust*, p. 93). Esta memória integral, porém, é virtual; milhares de “lembranças-fantasmas” jamais aparecerão no limiar da consciência. Ainda assim, elas estão lá, à espera de uma situação presente que possa atualizá-las. Pensar-se-ia ser esta também a concepção de Proust. Entretanto, em *La Prisonnière*, escreve o romancista:

(...) la mémoire, au lieu d'un exemplaire en double, toujours présent à nos yeux, des divers faits de notre vie, est plutôt un néant d'où par instants une similitude actuelle nous permet de tirer, ressuscités, des souvenirs morts; mais encore il y a mille petits faits qui ne sont pas tombés dans cette virtualité de la mémoire et qui resteront à jamais incontrôlables pour nous (p. 146).

Nesta perspectiva, uma grande parte do passado escapa da memória e desaparece para sempre; em lugar de um passado integral e contínuo, ter-se-ia, então, um passado descontínuo e fragmentário. Além disso, mesmo na hipótese de que o passado se conserva totalmente, interroga o Narrador em *Sodome et Gomorrhe*: "Mais qu'est-ce qu'un souvenir qu'on ne se rappelle pas?" (p. 985) É neste cenário que assume plena importância para Proust o anverso da memória, a sua face oculta e mais íntima, o cerne de seu poder ser: o esquecimento. Muito mais do que o mero aspecto negativo das "intermitências do coração", que gera o sentimento da angústia, da carência e da culpabilidade, o esquecimento desempenha um papel primordial no fenômeno da memória: o de impedir a interpenetração dos estados de consciência, preservando e salvaguardando os instantes do passado em "vasos fechados", que mantêm o impacto da impressão primeira em todo o frescor de seu brotar espontâneo e com todo o seu vivo poder de impressionar, de modo que a reminiscência é o autêntico renascimento do êxtase originário, o genuíno jorrar das águas imemoriais da origem. O esquecimento é o poço profundo e sagrado, misterioso reservatório, de onde pode emergir, intacta e original, a memória involuntária:

(...) o gesto, o mais simples ato, era encerrado como em mil vasos fechados, dos quais cada um contivesse uma substância de cor, cheiro e temperatura absolutamente diversas; sem contar que esses vasos, dispostos ao longo de muitos anos durante os quais não cessáramos de mudar, (...) situam-se em altitudes diferentes e nos fornecem sensações de atmosfera extremamente várias. (...) entre a lembrança surgida inopinadamente e nosso estado atual, assim como entre duas reminiscências de datas, lugares e horas diversas, a distância é tal que, ainda deixando de lado a originalidade específica, bastaria para tornar impossível qualquer comparação. Sim, se, graças ao esquecimento, não pôde estabelecer nenhum laço, tecer alguma malha entre si e o momento presente, se ficou em seu lugar, em seu tempo, se conservou sua distância, seu isolamento no côncavo de um vale ou no cimo de uma mon-

tanha, a recordação faz-nos respirar de repente um ar novo, precisamente por ser um ar outrora respirado, o ar mais puro (...) que não determinaria essa sensação profunda de renovação se já não houvesse sido respirado (O Tempo redescoberto, p. 151-2).

O episódio da “madeleine” é outra prova de que o esquecimento é o verdadeiro guardião da memória. A *visão* do pequeno bolo não trouxe ao Narrador nenhuma recordação especial, talvez porque ele o houvesse visto, sem prová-lo, tantas vezes depois de Combray, que a sua *imagem* havia deixado os longínquos dias de sua infância para se ligar a outras mais recentes. O sabor, por sua vez, guardado incólume nas brumas do esquecimento, e protegido pela espessura de tantos anos passados, aconchegou-se no fundo mais recôndito da memória, no estranho limiar da lembrança e do olvido, onde a reminiscência é simultaneamente segredo e degredo, e de lá pôde ressurgir com aquele inefável misto de novidade e antigüidade que é a marca inequívoca da origem. Foi por *nunca mais* ter comido a “madeleine” desde a infância que o sabor pôde arrastar atrás de si o “edifício imenso da recordação”. Se a reminiscência não é preservada pelo denso manto do esquecimento, ela é barateada pela repetição sucessiva que a desnuda de sua aura poética e de seu poder encantatório. Paradoxalmente, a atualização reiterada, a presentificação repetida, é que irremediavelmente fazem escoar a lembrança pelo ralo do esquecimento, que conduz ao limbo de onde não há resgate possível. Há no esquecimento uma fugidia fronteira, um horizonte móvel, que assinala o limite entre o que para sempre se conserva como germes de sonho, embriões de imagens, matrizes de idéias, e o que irrecuperavelmente se engolfa na ausência absoluta, e este movediço umbral é a pátria da memória involuntária. Um gesto desastrado, uma violação, um abuso, e a reminiscência se esvai:

Se ainda possuísse o François le Champi por mamãe tirado uma noite do embrulho de livros que minha avó acabara de me dar como presente de aniversário, nunca o olharia; temeria inserir nele, pouco a pouco, minhas impressões de hoje, recobrando inteiramente as antigas, temeria vê-lo tornar-se de tal maneira atual que, quando lhe pedisse para invocar de novo a criança que lhe soletrara o título no quarto de Combray, esta, não lhe reconhecendo a voz, não respondesse mais ao apelo e permanecesse para sempre sepultada no esquecimento (O Tempo redescoberto, p.165-6).

2. As Diferenças Profundas

Puisque toute notre pensée est ainsi dispersée et fragmentaire, puisque les représentations les plus hétérogènes se choquent et s'entrecroisent dans le cerveau même le mieux organisé, il s'ensuit que nous n'avons en réalité qu'une demi-conscience et que nous avançons à tâtons dans le labyrinthe de notre vie et les ténèbres de nos recherches: des moments de clarté, semblables à des éclairs, illuminent parfois notre route. (La prisonnière, p. 274)

É no domínio da profundidade que as diferenças entre a visão de Bergson e a de Proust ressaltam com mais clareza. A pergunta que cumpre responder é: a duração bergsoniana e o tempo proustiano buscam representar a mesma realidade? Ou, inversamente: a realidade, tal como ela de fato é em sua fisionomia mais profunda, é percebida e concebida igualmente pelos dois pensamentos? Os dois criadores estabeleceram uma fecunda distinção entre os dois aspectos extremos que compõem a personalidade humana: o “eu superficial” e o “eu profundo”. A distinção, no entanto, funda-se, em cada caso, sobre o respectivo horizonte que norteia a apreensão e a compreensão do tempo e da duração, de tal maneira que, se o horizonte difere, a distinção não há de conduzir-se segundo os mesmos princípios. Para corresponder à solicitação contida nestas perguntas, necessário se faz explicitar o que Bergson compreende por *durée* e como é a experiência proustiana do tempo, porque deste esclarecimento depende o entendimento da diferenciação entre os dois eus, que, por sua vez, ilumina as bases sobre as quais se edificam as duas obras.

A *durée* é o fluxo contínuo da vida interior, o escoamento ininterrupto da consciência humana. Em *L'évolution créatrice*, a duração apresenta-se como sinônimo da mudança vital, da consciência universal, do devir e da evolução criativa. Em *L'introduction à la métaphysique*, ela é concebida como a realidade da própria pessoa em seu escoar-se através do tempo. A autêntica duração não tem nenhuma relação com o espaço. A sucessão dos estados de consciência é de uma ordem totalmente diversa: trata-se de uma interpenetração mútua, de uma multiplicidade indistinta ou qualitativa, que se poderia comparar a uma melodia indivisível, a uma “phrase musicale qui serait toujours sur le point de finir et

sans cesse se modifierait dans sa totalité par l'addition de quelque note nouvelle" (*Essai sur les données immédiates de la conscience*, apud Bergson et Proust, p. 52). As noções de "totalidade" e de "indivisibilidade" são centrais na concepção bergsoniana da consciência; com efeito, de acordo com o filósofo, é a nossa percepção falha e insuficiente que separa a "nota nova" da melodia indivisível da nossa consciência que dura. Em *Matéria e memória*, Bergson acusa o erro de nossa percepção, que atribui ao objeto móvel a imobilidade de um ponto fixo com o qual ela o faz coincidir por um momento: "A divisão é obra da imaginação, que tem justamente por função fixar as imagens moventes de nossa experiência ordinária, como o relâmpago instantâneo que ilumina durante a noite uma cena de tempestade" (*Matéria e memória*, p. 155). O movimento consiste em passar de um ponto a outro, isto é, em atravessar o espaço. Como o espaço atravessado é divisível ao infinito e como o movimento se realiza, por assim dizer, ao longo da linha que percorre, ele parece solidário a essa linha e divisível como ela:

(...) somente porque você se representa o movimento, sucessivamente, nesses diferentes pontos, é que você o detém necessariamente neles; suas posições sucessivas são, no fundo, apenas detenções imaginárias. Você substitui o trajeto pela trajetória e, porque o trajeto está subtendido pela trajetória, você acredita que ambos coincidem. Mas de que modo um progresso coincidiria com uma coisa, um movimento com uma imobilidade? (*Matéria e memória*, p. 155-6)

Ora, se é uma ilusão dividir o movimento em posições estanques sobre o trajeto de um objeto que se move, também o é distinguir os diversos momentos no curso da duração. Bergson afirma categoricamente que a indivisibilidade do movimento implica a impossibilidade do instante (*Matéria e memória*, p. 156). Somos nós que atribuímos instantes à duração, os quais ela mesma não poderia ter. Eliminando o instante e afirmando a interpenetração ininterrupta dos estados de consciência, a duração pura exclui também, conseqüentemente, a possibilidade da justaposição, da superposição e, sobretudo, da repetição. Fundada na convicção existencial de que cada momento da nossa vida é uma espécie de criação, a *durée* tem um caráter de imprevisibilidade e de liberdade, que se manifesta como um jorrar ininterrupto de

novidade. Como cada novidade altera a experiência humana em sua totalidade, é impossível para uma consciência atravessar duas vezes o mesmo estado, o que equivale a dizer que a duração é irreversível.

Nada é mais falso, alerta Georges Poulet em *Études sur le temps humain*, do que equiparar a duração proustiana à bergsoniana: “Celle-ci est un plein, celle-là un vide; celle-ci un continu, celle-là un discontinu” (5). Em *L'espace proustien* (6), Poulet vai ainda mais longe no estabelecimento das diferenças entre os dois pensadores, ao afirmar que a busca do tempo perdido é solidária e contemporânea da busca do espaço perdido. O mesmo princípio de descontinuidade reina nos dois domínios, de tal maneira que, ao fim da *Recherche*, a redescoberta do tempo e a redescoberta do espaço constituem o anverso e o reverso de uma única conquista: o encontro com o cerne mais profundo da intimidade anímica. Proust distingue diversos tempos diferentes, - o tempo cronológico, o tempo psicológico, o tempo do sono, - mas o mais proustiano de todos eles é justamente o que mais frontalmente se choca com o pensamento de Bergson: o tempo espacializado, que constitui a quarta dimensão que o escritor pretende tornar visível. O tempo dura *porque* se imprime no espaço; sua segmentação espacial é a condição *sine qua non* de sua permanência na duração. Na entrevista concedida ao *Le Temps*, Proust deixa claramente transparecer a espacialização do tempo como princípio articulador da concepção dinâmica de seu grandioso romance:

(5) Georges Poulet. *Études sur les temps humain*. Paris, Plon, 1950, p. 395.

(6) Georges Poulet. *L'espace proustien*. Paris, Gallimard, 1963.

Vous savez qu'il y a une géométrie plane et une géométrie dans l'espace. Eh bien! Pour moi, le roman ce n'est pas seulement de la psychologie plane, mais de la psychologie dans le temps. Cette substance invisible du temps, j'ai tâché de l'isoler, mais pour cela il fallait que l'expérience pût durer. (...) comme une ville qui, pendant que le train suit sa voie contournée, nous apparaît tantôt à notre droite, tantôt à notre gauche, les divers aspects qu'un même personnage aura pris aux yeux d'un autre – au point qu'il aura été comme des personnages successifs et différents – donneront – mais par cela seulement – la sensation du temps écoulé. (apud Bergson et Proust, p.16)

Em numerosas ocasiões ao longo da *Recherche*, o escritor dá vida a esta concepção singular através de imagens que a tornam plasticamente visível:

Não poderíamos descrever nossas relações, ainda que superficiais, com alguém, sem evocar os mais diversos sítios de nossa vida. Assim cada indivíduo – eu inclusive – dava-me a medida da duração pelo giro que realizava em torno não só de si mesmo como dos outros, e notadamente pelas posições que sucessivamente ocupava em relação a mim. (O Tempo redescoberto, p. 278)

Longe de representar mobilidade ininterrupta, continuidade progressiva ou melodia indivisível, a duração significa, aqui, a *distância* que *separa* um lugar de outro, uma época de outra, uma faceta da personalidade de outra, uma presentificação do eu de outra muito diversa. A projeção do tempo nos inúmeros segmentos em que se divide o espaço, a total identificação entre os blocos temporais e espaciais, compondo a nova dimensão poética do espaço-tempo, está em oposição direta com a interioridade da experiência espiritual, com a devida pura e com a crítica da percepção sobre as quais se funda a filosofia bergsoniana. A memória involuntária pode resgatar a lembrança longínqua precisamente porque a reminiscência se conserva na singularidade de um instante isolado que se mantém invulnerável à contaminação por outros momentos e impermeável ao encadeamento progressivo. Elegendo o instante isolado, Proust não apenas dá as costas à duração, mas, sobretudo, estabelece a possibilidade da repetição e da interpolação, artérias mestras da *Recherche*. A imagem dos “vasos fechados”, metáfora axiomática do edifício reminiscente de Proust, assinalando o total isolamento que preserva a originalidade de cada lembrança, exclui absolutamente a possibilidade da interpenetração bergsoniana dos estados de consciência, segundo a qual as diversas partes do nosso ser entram umas dentro das outras, de tal maneira que nossa personalidade inteira se concentra em um ponto, ou melhor em uma ponta, que se insere no futuro, arranhando-o sem cessar (*L'évolution créatrice*, apud *Bergson et Proust*, p. 106). “Isolar a substância invisível do tempo”, como faz Proust na *Recherche*, como se possuísse um telescópio apontado para o tempo (7), a fim de fazê-lo aparecer equivale, na ótica de Bergson, a imobilizá-lo, a dividi-lo, deixando, por conseguinte, de apreendê-lo enquanto duração real. Retornando a Paris após uma longa permanência num sanatório, o Narrador reencontra, em casa do Príncipe de Guermantes, pessoas que não via há muitos anos, as quais tem dificuldade de reconhecer:

(7) “Ce que je voudrais que l'on vît dans mon livre, c'est qu'il est sorti tout entier de l'application d'un sens spécial (...) qu'il est bien difficile de décrire (...) l'image (très imparfaite) qui me paraît la meilleure pour faire comprendre ce qu'est ce sens spécial c'est peut-être celle d'un télescope qui serait braqué sur le temps, car le télescope fait apparaître des étoiles qui sont invisibles à l'oeil nu, et j'ai tâché (...) de faire apparaître à la

conscience des phénomènes
inconscients qui, complètement
oubliés, sont quelquefois situés très
loin dans le passé” (Carta a Camille
Vettard, apud Bergson et
Proust, p. 24).

Um teatro de bonecos no qual, para identificarem-se as pessoas conhecidas, seria necessário assistir-se à ação em vários planos a se desdobrarem em profundidade atrás das personagens e exigindo grande trabalho mental, pois deviam-se ver esses velhos fantoches tanto com os olhos como com a memória. Um teatro de bonecos envoltos nas cores imateriais dos anos, personificando o Tempo, o Tempo ordinariamente invisível que, para deixar de sê-lo, vive à cata de corpos e, mal os encontra, logo deles se apodera a fim de exhibir a sua lanterna mágica (O Tempo redescoberto, p. 194).

O ato de reconhecimento último retira todas as imagens do escoamento do tempo para distribuí-las em intervalos regulares ao longo de uma linha imaginária, tornando-as igualmente disponíveis à consciência, de modo que elas não mais se encontram mergulhadas sem apoio, amorfas ou informes, no fluxo da duração bergsoniana, mas adquirem o contorno nítido de um determinado instante temporal e de uma específica situação espacial, que se imbricam na espaço-temporalização da lembrança. A espacialização proustiana do tempo, - chave para a conversão do tempo perdido em tempo redescoberto, - é, portanto, o exato oposto da pura mobilidade da *durée* bergsoniana, a qual, estritamente indivisível e ininterruptamente deveniente, jamais pode expressar-se em termos espaciais.

(8) Henri Bergson. *Essai sur les
données immédiates de la
conscience*. Paris, PUF, 1976.

Em *Essai sur les données immédiates de la conscience* (8), Bergson condena categoricamente a espacialização do tempo:

Nous juxtaposons nos états de conscience de manière a les apercevoir simultanément, non plus l'un dans l'autre, mais l'un à côté de l'autre; bref, nous projetons de temps dans l'espace, nous exprimons la durée en étendue, et la succession prend pour nous la forme d'une ligne continue ou d'une chaîne, dont les parties se touchent sans se pénétrer. (...) si l'on établit un ordre dans le successif, c'est que la succession devient simultanéité et se projette dans l'espace (p. 75-6)

Ora, a tomada de consciência do tempo sob a forma de uma segmentação de estados sucessivos, que é, para Bergson, a espacialização artificial da duração pelo olhar superficial da inteligência, é, pelo contrário, para Proust, a verdadeira profundidade, vitória conquistada sobre a inconsciência pura e simples do tempo que se escorre: “Chaque être est détruit quand nous cessons

de le voir; puis son apparition suivante est une création nouvelle, différente de celle qui l'a immédiatement précédée, sinon de toutes" (*À l'ombre des jeunes filles en fleurs*, p. 917). O que, para o filósofo, é artifício da inteligência para tentar captar uma duração tão profunda que ela nunca chega a perceber, é, para o romancista, a face mais íntima e autêntica da realidade: a segmentação é que é profunda, e a duração, superficial, e não o contrário: "(...) tenho a impressão de deixar alguém para ir ter com outra pessoa diferente, quando, em minha memória, retrocedo do Swann que mais tarde conheci de veras, para este primeiro Swann" (*No caminho de Swann*, p. 24). A continuidade, que Bergson considera a mais lídima expressão da realidade, é, aos olhos de Proust, mera aparência, camuflagem epidérmica da descontinuidade recôndita e absoluta:

(...) foi pelo lado de Guermantes, que aprendi a distinguir esses estados que em mim se sucedem, durante certos períodos, e que dividem entre si cada um de meus dias, chegando cada qual para escorraçar o outro, com a pontualidade da febre; contíguos, mas tão alheios um ao outro, tão desprovidos de quaisquer meios de comunicação entre si, que, quando um deles domina, não posso mais compreender o que desejei, temi ou fiz no outro estado (*No caminho de Swann*, p. 157).

A memória involuntária, por sua irrupção repentina, propondo à consciência fragmentos privilegiados de um passado sempre vivo, é a principal alavanca da descontinuidade radical do tempo, e o reconhecimento de que ela é "preciosa", por contraste com os fragmentos inertes e defuntos reconstituídos pela memória voluntária, sublinha e enfatiza o primado proustiano da descontinuidade profunda sobre a continuidade superficial da duração bergsoniana. O que ao romancista claramente se afigura é que a fragmentação é uma lei inscrita na consciência sob a forma de intermitência. Paixão, comunicação, compreensão, amor são puras ficções porque repousam sobre uma ilusão de totalidade, ao passo que apenas o fragmento, o instante, são reais e podem ser apreendidos: "À n'importe quel moment que nous la considérons, notre âme totale n'a qu'une valeur presque fictive, malgré le nombreux bilan de ses richesses, car tantôt les unes, tantôt les autres sont indisponibles" (*Sodome et Gomorrhe*, p. 756). Proust fragmenta a consciência, não pela comodidade da vida

prática, mas por fidelidade à realidade profunda. A introspecção proustiana não consiste, portanto, em seccionar o todo indiviso do eu em fragmentos distintos para melhor percebê-los, mas em reconhecer os fragmentos distintos que se escondem sob a aparência de um todo indivisível. A fragmentação, que para Bergson não é mais do que uma elaboração secundária, Proust a compreende como a realidade primordial, entrevista através do envelope superficialmente inteiriço das coisas. À afirmação bergsoniana de que “toda divisão da matéria em corpos independentes de contornos absolutamente determinados é uma divisão artificial” (*Matéria e memória*, p. 162), Proust replicaria que toda divisão do espírito – sensação, percepção, imaginação, consciência – em fragmentos autônomos, separados por um intervalo irreduzível, é o estrito reflexo da verdade. De acordo com a tese bergsoniana, uma vez que o parcelamento do real se opera devido às exigências da vida prática, ele não segue as linhas interiores do contorno das coisas. Ora, é precisamente porque o herói proustiano, errando pelo tempo perdido, partiu em busca da verdade, que ele amargamente descobriu e constatou o fracionamento do real e da consciência, a linha quebrada da estrutura das coisas. Para Bergson, a descontinuidade só incide sobre o eu superficial, que não é senão um fantasma descolorido do eu profundo, o qual, confundindo-se com a própria *durée*, muda, também, a cada instante, preservando sempre, porém, uma forte unidade, pois tudo se altera, mas nada se perde, e cada mudança adere a si mesma numa duração que se prolonga sem fim. Em Proust, por outro lado, a descontinuidade aplica-se tanto ao eu superficial quanto ao eu profundo. Mesmo aquele, que, disposto a encontrar a verdade, abandona as distrações do eu superficial a fim de mergulhar no adensamento do eu profundo, não acha mais do que a satisfação amarga de uma lucidez que destrói todas as ilusões. Redescobrir a vida significa superar a ilusão que nos faz crer que existe *um* amante, *uma* Albertine, *uma* memória, *uma* consciência, decompondo esta unidade falsa e aparente em fragmentos distintos de sentimento, de lembrança e de vida interior.

Contrariamente à *durée* bergsoniana, que não pode sofrer nenhuma síncope, em Proust, a duração interior é, portanto, propositalmente recortada pelas tesouras da percepção, de tal maneira que o tempo que se escoia, ao invés de esvair-se, desenha, no romance, a linha segmentada do sucessivo, que propicia a in-

finita recriação temporal. Assumir existencialmente a fragmentação profunda equivale a descobrir o valor da segmentação e a tomar o fragmento temporal como instrumento de reconquista, retalhando-se à vontade na duração vivida os segmentos preciosos que podem vir a tecer uma nova trama, o enredo de uma vida autêntica liberta do determinismo de um tempo estritamente linear e compulsivamente horizontal, que, ao conduzir-se levianamente sempre avante, anula a grandeza do que foi, estanca a possibilidade do que poderia ter sido e cerceia a liberdade do que pode realmente vir a ser. O valor absoluto do passado não pode ser afetivamente sentido e intelectualmente apreendido senão em ruptura com a continuidade. O Combray da “madeleine” separa-se do primeiro Combray da memória voluntária por um “branco”, que assinala um corte no escoamento natural do tempo. A ressurreição da lembrança involuntária é sempre introduzida por um “tout d’un coup” que anuncia a descontinuidade radical do fenômeno da memória, rompendo a cadeia e isolando um elo. O contrário da continuidade é justamente a linha segmentada do sucessivo. Um segmento de tempo isolado – o instante – é um campo onde a imaginação pode livremente atuar, uma amostra da realidade exterior que se presta ao manuseio da criação artística. A segmentação é uma brecha aberta na totalidade do tempo, que deixa de ser o desconhecido, diante do qual se experimenta a impotência, para converter-se em conhecimento, poder e prazer, no instante em que se decompõe em fatias de lembranças. Face a uma realidade incompreensível e inapreensível, a segmentação atua como a escala graduada do cognoscível. A massa amorfa do passado se secciona em ilhotas distintas, capazes de conservar os pedaços do que já não é. Graças a elas, as recordações da infância em Combray, guardadas nos alvéolos da memória de um menino sonhador, se erguem do fundo trevoso da noite do tempo:

E por certo, quando eram longamente contemplados por aquele humilde passante, aquele menino pensativo (...) aquele recanto da natureza, aquele trecho de jardim jamais poderiam pensar que graças a ele é que seriam chamados a sobreviver em suas particularidades mais efêmeras; e no entanto aquele perfume de pilriteiro que vagueia ao longo da sebe onde em breve o substituirão as roseiras bravas, um rumor de passos sem eco na areia de uma alameda, uma bolha formada contra uma planta aquática pela água do rio e que logo rebenta, minha imaginação os carregou e os fez

atravessar tantos anos sucessivos, ao passo que em torno desapareceram os caminhos e estão mortos aqueles que os pisaram, e a lembrança daqueles que os pisaram. Às vezes, aquele trecho de paisagem assim trazido até o dia de hoje se destaca tão isolada de tudo o que flutua incerto em meu pensamento como uma Delos florida, sem que eu possa dizer de que país, de que tempo – talvez simplesmente de que sonho – me vem (No caminho de Swann, p. 157/8).

O passado só pode sobreviver no presente em estado de fragmento. O autêntico fragmento do passado se reconhece por suas arestas vivas e seus contornos retalhados, sendo os farrapos e as rupturas justamente o selo de sua veracidade, pois provam que o seu recorte é alheio à mão do homem e que se trata de um pedaço de realidade longínqua, arbitrariamente fraturada pelo acaso. Muito mais significativa do que uma totalidade da qual nada pudesse ser extirpado, a lembrança involuntária aparece como um fragmento que arrasta atrás de si uma integralidade, o “edifício imenso da recordação”. Não fosse a forma fragmentária, única capaz de preservar o passado em estado de latência – como um núcleo atômico mal contendo o seu excesso de energia – a integralidade teria sido inapelavelmente engolfada. O esquecimento é o vazio onde se abrigam as preciosidades do passado. A carência é o verdadeiro horizonte da plenitude, o ponto no qual o finito se potencia e se equipara ao infinito. Na interpenetração dinâmica do finito que foi e do infinito que poderá ser, o fragmento proustiano se consagra como o transfinito do tempo redescoberto. Toda a originalidade proustiana está contida nesta reviravolta: visto que a fragmentação é um constrangimento que subjuga o eu, o esforço não tenderá a restaurar a totalidade, mas a inverter o valor da fragmentação, que deixa de ser percebida como o fator da opressão da perda, e passa a ser concebida como o penhor da liberdade de criação. Transfigurando-se a lei que governa a vida – a da fragmentação – obtém-se o princípio que enseja a realização existencial e deslancha a vocação artística. O estabelecimento da distinção entre as duas memórias já de si acena com a possibilidade de uma salvação, de um resgate permanente, da instauração de uma dimensão completamente nova, que é a da redescoberta e da transcrição. Nada se perde, afinal. Nada se reconstitui, tampouco. A substância não se desfaz nem se refaz: ela se transubstancia.

3. A Conversão do Tempo Perdido no Tempo Redescoberto

... ces résurrections du passé, dans la seconde qu'elles durent, sont si totales qu'elle n'obligent pas seulement nos yeux à cesser de voir la chambre qui est près d'eux pour regarder la voie bordée d'arbres ou la marée montante; elles forcent nos narines à respirer l'air des lieux pourtant lointains, notre volonté à choisir entre les divers projets qu'ils nous proposent, notre personne tout entière à se croire entourée par eux...(Le Temps retrouvé, p. 875)

No início da *Recherche*, o episódio da “madeleine” trouxe ao Narrador uma alegria profunda e intensa, que permaneceu, contudo, “sem noção da sua causa”. No último livro do ciclo romanesco, *O Tempo redescoberto*, por três vezes consecutivas o extraordinário evento se repete:

Mas no momento em que, procurando equilibrar-me, firmei o pé numa pedra um pouco mais baixa do que a vizinha, todo o meu desânimo se desvaneceu (...) Como quando provei a “madeleine”, dissiparam-se quaisquer inquietações com o futuro, quaisquer dúvidas intelectuais. (...) Um azul intenso ofuscava-me os olhos, impressões de frescura, de luz deslumbrante rodopiavam junto de mim (...) E logo a seguir, bem a reconheci, surgiu-me Veneza (...) e me era agora devolvida pela sensação outrora experimentada sobre dois azulejos desiguais do batistério de São Marcos, juntamente com todas as outras sensações àquela somadas no mesmo dia ... (p. 148/9)

Ora, naquele momento um segundo aviso veio reforçar o que me havia dado a pavimentação irregular (...) Com feito, um copeiro (...) acabava de bater com uma colher num prato. Invadiu-me um bem-estar do mesmo gênero do causado pelas pedras irregulares; às sensações também ainda frescas, mas muito diversas, misturava-se agora um cheiro de fumaça, abrandado pelos eflúvios de uma paisagem silvestre; e (...) reconheci o mesmo renque de árvores (...) em frente ao qual (...) acreditei por um instante, numa espécie de vertigem, ainda estar, tanto o ruído idêntico da colher esbarrando no prato me dera (...) a ilusão do martelo de um empregado que consertara alguma coisa numa roda do trem quando paramos na orla da pequena mata. (p. 150)

Dir-se-ia até que os sinais (...) timbravam em multiplicar-se pois (...) enxuguei a boca no guardanapo (...) mas logo (...) nova visão cerúlea me passou ante os olhos; (...) a impressão foi tão intensa que tomei pelo atual o momento imaginário, e, (...) tonto (...) julguei que o criado tinha aberto uma janela sobre a praia e que tudo me convidava a um passeio no cais, com a maré alta; o guardanapo onde limpava a boca, engomado exatamente como a toalha com a qual tivera tanta dificuldade em enxugar-me defronte da janela no dia de minha chegada a Balbec. (p. 150)

Desta vez, o Narrador não se resigna a ignorar o motivo daquele júbilo incomum nem se detém em aspectos superficiais. Recordando a relativa indiferença com que Swann pudera outrora falar dos dias mais felizes de sua vida mediante frases abstratas como “o tempo em que eu era amado”, “o tempo em que eu era feliz”, e a dor súbita e lancinante que lhe causara a pequena frase de Vinteuil, devolvendo-lhe, de chofre, não mais a tosca imagem daqueles dias, mas os dias eles mesmos, com todas as suas vivíssimas emoções, o Narrador compreende claramente que as sensações das pedras desiguais, da rigidez engomada do guardanapo, do sabor da “madeleine” não tinham qualquer relação com as impressões que buscara voluntariamente evocar de Veneza, de Balbec, de Combray, com a ajuda da memória voluntária. Ausentando-se da premência do presente, concentrando-se existencialmente nas semelhanças daquelas experiências e descendo os escuros corredores de si mesmo, ele adivinha a causa daquela felicidade: aquelas sensações eram *simultaneamente* experimentadas no momento atual e num momento longínquo, fazendo o passado imiscuir-se de tal maneira no presente que, na vertigem do instante, era-lhe impossível saber em qual dos dois se encontrava:

Na verdade, o ser que em mim então gozava dessa impressão e lhe desfrutava o conteúdo extratemporal, repartido entre o dia antigo e o atual, era um ser que só surgia quando, por uma dessas identificações entre o passado e o presente, se conseguia situar no único meio onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo. (p. 152)

Muitos são os “tempos” que habitam o romance proustiano. Para que se compreendam esses fenômenos temporais em toda a sua profundidade e se possa edificar em sua plenitude a poética

da memória, necessário se faz interrogar o que significa, na passagem acima, “fora do tempo”. De que tempo se trata aqui? Pouco adiante, tem-se uma primeira indicação: “Tal ser nunca me aparecera, nunca se manifestara senão *fora da ação*, da satisfação *imediate*, cada vez que o milagre de uma analogia me permitia escapar ao *presente*” (p. 152). As expressões que grifamos dão a exata medida da correspondência: *en dehors du temps* equivale a *en dehors de l'action* (*Le Temps retrouvé*, p. 871); o *tempo*, fora do qual se situa o Narrador, é o *presente imediato*. O Narrador alcança o milagre de viver *ao mesmo tempo* o outrora e o agora, o lá e o aqui, porque abdica da ação, desliga os fios que o conectam com a urgência do momento seguinte, esquece o premente e presentifica o ausente. O presente, descomprometido com a ação, é um amplo cenário para as múltiplas dramatizações do tempo, pois, detendo-se um instante, e aprofundando-se – ao invés de debruçar-se imediatamente sobre o futuro, de atirar-se compulsivamente para a frente, de continuar-se sôfrega e ininterruptamente – ele dá ensejo às intersecções, superposições, interpolações, que encenam as incessantes metamorfoses do eu nas diversas máscaras do tempo. Puro, isento, contido em si mesmo, o presente apresenta-se e revela a sua face mais misteriosa: ele é o vertiginoso abismo do que não é – não é passado, não é futuro, não é presente, tampouco, já que, frágil e tênue, deixa tão instantaneamente de ser – e, por isso mesmo, pode tão profundamente vir a ser. Poeticamente vivido, o presente é o nada que a memória pode infinitamente preencher e que a imaginação pode diversamente povoar. O que ao Narrador se afigurara como “um verdadeiro momento do passado”, na verdade, é muito mais do que isso, “alguma coisa que, comum ao passado e ao presente, é mais essencial do que ambos” (p. 153). E que coisa é essa? Logo a seguir, no júbilo de transcender a lei absurda, segundo a qual só se pode imaginar o ausente, ele se apropria da intuição precisa:

E eis que repentinamente se neutralizava, se sustinha o efeito dessa dura lei, pelo expediente maravilhoso da natureza, fazendo cintilar a mesma sensação – ruído da colher e do martelo, irregularidade semelhante do calçamento – tanto no passado, o que permitia à imaginação gozá-la, como no presente, onde o abalo efetivo dos sentidos, pelo som, pelo contato, acrescentara aos sonhos da fantasia aquilo de que são habitualmente desprovidos, a

idéia da existência, e graças a esse subterfúgio, me fora dado obter, isolar, imobilizar – na fração de tempo que dura um relâmpago – o que nunca antes apreendera: um pouco de tempo em estado puro. (p. 153)

Como se explica a aparente contradição de estar o Narrador *fora do tempo* e simultaneamente *apreender o tempo em estado puro*? Percebe-se que o tempo de que agora se fala é e não é mais o mesmo. “Le temps: mot unique où se déposent les expériences les plus différentes (...) qui, en se superposant, se transforment pour constituer une réalité nouvelle et presque sacrée” (9). O tempo desfila pelo romance as suas mais contraditórias fisionomias. Ele é, primeiramente, o destruidor implacável, que reduz ao esquecimento e conduz à morte. Mas este mesmo tempo que saqueia outorga de volta o que roubara com semblante transfigurado, de tal maneira que a consciência aguda da perda é a posse definitiva. O tempo, contudo, de par com seu lugar-tenente, a memória, é capaz de manobras ainda mais estranhas, ao trazer de volta incidentes insignificantes, ocorridos em épocas muito remotas e esquecidos nos baús empoeirados do passado, não como lembranças, mas como fatos reais, que tornam a acontecer, num novo momento do tempo. Animicamente disponibilizado para o operar poético da memória, o Narrador experimenta, pouco depois das três epifanias consecutivas, um quarto advento, ainda mais explícito, talvez, que os anteriores:

(9). Maurice Blanchot, *Le livre à venir*. Paris, Gallimard, 1959, p. 21. Doravante, este livro será referido como LV.

Enquanto refletia sobre isso, o barulho estridente de um encanamento de água, (...) semelhante aos longos apelos que (...) os iates de passeio faziam ressoar à noite ao largo de Balbec, comunicou-me (...) uma sensação mais do que simplesmente análoga à que experimentava ao cair da tarde em Balbec (...). Não era (...) tão-somente um eco, uma ressonância da sensação passada (...), mas essa sensação ela mesma. Neste caso, como em todos os precedentes, a sensação comum buscara recriar em torno de si o lugar antigo, enquanto o atual que o substituíra opunha-se com toda a resistência de sua matéria a essa imigração, para uma casa de Paris, de uma praia normanda (...). A marítima sala de jantar de Balbec (...) tentara abalar a solidez do palacete Guermantes, forçara-lhe as portas e fizera um instante vacilarem os sofás a minha volta... (p. 154-5)

Não se trata de um passado *e* de um presente, mas de uma mesma *presença* que faz coincidirem, em uma simultaneidade

sensível, momentos incompatíveis, separados por todo o curso da duração. O presente é passado e o passado é presente, pois ambos advêm de um brotar contemporâneo da memória e da imaginação, solidário e tributário da gestação histórica do próprio ser que recorda e imagina e do acontecer poético do próprio Tempo que se temporaliza. O tempo é, portanto, anulado e engendrado pelo próprio Tempo. Compreende-se que o estar fora do tempo é a condição de possibilidade para se apreender o Tempo em estado puro. A contradição lógica se resolve numa ambigüidade ontológica, que está na raiz da própria temporalidade do Tempo:

(...) par cette simultanété qui a fait se rejoindre réellement le pas de Venise et le pas de Guermantes, l'alors du passé et l'ici du présent, comme deux maintenant appelés à se superposer, par cette conjonction de ces deus présents qui abolissent le temps, Proust a fait aussi l'expérience incomparable, unique de l'extase du temps. Vivre l'abolition du temps, vivre ce moment, rapide comme l' "éclair", par lequel deux instants, infiniment séparés, viennent (...) à la rencontre l'un de l'autre, (...) c'est parcourir toute la réalité du temps, en la parcourant éprouver le temps comme espace et lieu vide (...). Temps pur, sans événements, vacance mouvante, distance agitée, espace intérieur en devenir où les extases du temps se disposent en une simultanété fascinante, qu'est-ce donc tout cela? Mais le temps même du récit, le temps qui n'est pas hors du temps, mais qui s'éprouve comme dehors, sous la forme d'un espace, cet espace imaginaire où l'art trouve et dispose ses ressources. (LV, p. 23)

Este é o sentido mais profundo e autenticamente ontológico da espacialização proustiana do tempo. Por isso, a experiência do tempo é, para ele, indissociável da possibilidade de escrever, dando-lhe, de uma maneira aparentemente absurda, a confiança na "realidade de seus dons literários" e dissipando-lhe "quaisquer dúvidas intelectuais". O que lhe é dado juntamente com a descoberta do Tempo é, não apenas a convicção de sua vocação e a confirmação de seus dotes, mas a própria essência da literatura, que ele experimenta em estado puro, ao vivenciar a transformação do tempo em espaço imaginário – o espaço próprio às imagens – esta ausência movente, sem acontecimentos que a dissimulem, sem presença que a obstrua, este vazio sempre deveniente. Este tempo tornado espaço imaginário é a longínqua pátria imemorial da memória, a distância sagrada e absoluta que constitui o recin-

to e o princípio das metamorfoses, que Proust denomina metáforas, o sigiloso sítio onde não há mais interioridade, pois tudo o que é interior se desdobra e se consoma exteriormente, ao apresentar-se no horizonte móvel da temporalidade sob a forma de imagem. Na eclosão deste Tempo vertente, que jorra de si por si mesmo, tudo se transforma em imagem, e a essência da imagem é de extroverter-se, exteriorizar-se, despojar-se de sua intimidade, conservando-se, todavia, mais inacessível e mais misteriosa do que o pensamento do foro íntimo. Nesta dimensão de essencialidade, a imagem se confunde com o próprio ser: ela é o irrevelado, porém manifesto, o nada que é tudo, o que se desoculta, ocultando-se, e se oculta, desocultando-se (LV, 25).

Em Proust, a operação mais originária da memória consiste em barrar o curso dos acontecimentos e pôr o próprio Tempo a escrever. O Tempo é o verdadeiro Narrador da *Recherche*, pois nele se imbricam a memória que pensa, a imaginação que recorda, a alma que se prospecta e o ser que se auto-engendra. Fundamentalmente, a memória não é rememorativa nem projetiva; ela reúne, numa unidade ambígua e movediça, que necessita incessantemente perfazer-se, todas as forças vitais, todo o vigor anímico, todos os pendores do espírito, todas as reservas sensíveis, numa realização poética na qual o que foi, em sua facticidade, e o que poderia ter sido, em sua vasta gama de possibilidade, tornam-se o anverso e o reverso de um mesmo impulso criador que faz nascer o verdadeiro Tempo: o tempo do *aconte-ser* histórico do homem: “Um minuto livre da ordem do tempo recriou em nós, para o podermos sentir, o homem livre da ordem do tempo” (*O Tempo redescoberto*, p. 154). O homem deve mesmo

o tempo da ordem, tempo da mesura, da memória voluntária, da inteligência clara e da consciência do dever, tempo cujo correr linear e horizontal escraviza e empobrece. O tempo da ordem conduz inelutavelmente à morte, pois esta é a ordem do tempo. A morte como fim da linha não é mais do que fenecimento bruto, morte sem fisionomia, e desta deve o homem também libertar-se, a fim de poder morrer a sua própria morte, a que engrandece e o singulariza como portador de um destino único e inimitável. O ser que se deixa encarcerar nesse tempo “desaparece na observação do presente, (...) na investigação de um passado ressecado pela inteligência, na expectativa de um futuro que a vontade constrói com fragmentos do presente e do passado, dos

quais extrai ainda mais a realidade, só conservando o necessário aos fins utilitários, estreitamente humanos, que lhes fixa” (*O Tempo redescoberto*, p. 153). Foi nesse tempo “demasiadamente humano” que o Narrador, ainda jovem, sentiu-se subitamente aprisionado, quando recebeu do pai a permissão para seguir a carreira que lhe aprouvesse, sob a alegação de que era pouco provável que ele viesse a mudar de inclinação. Ele, que acreditava a cada dia encontrar-se no fresco limiar de sua existência intacta, que se sentia sempre em vésperas de si mesmo, com toda a ampla liberdade do vir-a-ser, viu-se, de repente, com um estremecimento, encurralado *dentro* da duração: sua existência começara e, o que era mais triste, o que se seguiria haveria de diferir pouco daquilo que precedera; ele não se situava mais *fora* do tempo, mas estava sujeito às suas leis e ao seu determinismo compulsório (*À l'ombre des jeunes filles en fleurs*, p. 481-2). A errância pela vida afora parece seguidamente confirmar a inexorabilidade do tempo que se esvai, arrastando atrás de si as alegrias, as ilusões, as melhores lembranças, os entes queridos. Os esforços da memória consciente para resgatar o passado, as viagens aos sítios idos e vividos em busca do tempo perdido não fazem mais do que deixar na boca o sabor amargo do fracasso e na alma a incurável nostalgia do que já foi. As ocasionais irrupções da memória involuntária são cintilações epifânicas na profunda noite do que se perdeu, instantes extraordinários, os únicos “fecundos e verdadeiros”, que, no entanto, não oferecem a totalidade do seu dom até a grande revelação na biblioteca dos Guermantes, quando a sucessão, num curtíssimo espaço de tempo, das três experiências semelhantes, logo seguidas por uma quarta, trouxe ao Narrador a apropriação plena do vigor poético da memória e a chave para a conversão do tempo perdido no tempo redescoberto. Entretanto, a mais fabulosa descoberta que se lhe configurou na alma foi a de que a foz da temporalidade, de onde jorrava a possibilidade suprema da criação artística e da realização existencial, era dos subterrâneos de si mesmo que ela emanava:

(...) eu sabia não ter descoberto a beleza de Balbec quando lá estivera, nem ter encontrado, lá regressando, a formosura guardada na memória. Já verificara demasiadamente a impossibilidade de atingir na realidade aquilo que estava no fundo de mim mesmo (p. 157).

O encontro com a verdade profunda, que se revela sob a forma da redescoberta do tempo, se processa numa autêntica arqueologia do sensível que se consuma na descida ao núcleo cordial da interioridade anímica:

Impressões como as que procurava fixar só se poderiam evanescer ao contato do gozo direto, que fora impotente para suscitá-las. O único modo de apreciá-las melhor seria tentar conhecê-las mais completamente lá onde se achavam, isto é, em mim mesmo, torná-las claras em suas profundezas (p. 157).

O âmago do ensinamento poético da memória é que o ser é tempo e o tempo é ser. Por isso, experimentar o tempo em estado puro significa engendrar o próprio ser que se temporaliza, ou, inversamente, originar-se a si mesmo na gestação poética de uma obra equivale a sentir concretamente o tempo jorrar das próprias entranhas, manifestando-se sob a forma de imagens antiqüíssimas e inéditas, as mesmas e outras, que se materializam no vazio deveniente do espaço imaginário. Ontologicamente, a memória não re-corda o acontecido, mas faz acontecer o que é trazido ao coração (= re-cordado). Ela não refaz o passado, ela *faz* o tempo; ela não recompõe o que foi, ela *compõe* o que é e sempre será; ela não restaura um todo perdido, mas *instaura*, não propriamente um novo cosmos, mas a possibilidade permanente de haver *khosmoi*. Assim se explica a alegria do Narrador ao constatar que o homem que ele agora era, após a revelação na biblioteca dos Guermantes, ele sempre o houvera sido, desde os remotos tempos de sua infância em Combray, pois a concentração existencial com que ele agora se detinha nas reminiscências era a mesma com que outrora fixara qualquer imagem que o compelsse à contemplação – uma nuvem, um triângulo, um sino, uma flor, uma pedra – percebendo-os e recebendo-os como caracteres hieroglíficos sob os quais se ocultasse um pensamento, uma verdade, um sinal, que lhe cumpria decifrar:

Entretanto, percebo ao cabo de um momento, depois de refletir sobre essas ressurreições da memória, que, de outro modo, impressões obscuras me haviam, já em Combray, no caminho de Guermantes, solicitado, tal como essas reminiscências, a atenção, escondendo porém não uma antiga sensação, mas uma verdade nova, uma imagem preciosa que eu tentava desvendar por meio de esforços semelhantes aos que fazemos para recordar uma

coisa, como se nossas mais belas idéias fossem músicas que nos voltassem sem nunca as termos ouvido e que nos esforçássemos para escutar, transcrever (p. 157-8).

Unindo o fim ao início, a experiência derradeira à vivência primeira, prefigurando na gênese o destino que se desdobrará e adivinhando no além o aquém do qual promana, a memória consome a vocação cifrada em seu nome, que é a de constituir unidade (10), e se consagra na circularidade virtuosa de um percurso que não cessa de originar-se de si por si mesmo, retornando sempre ao ponto de partida, mas aprofundando-se e expandindo-se cada vez mais. Os instantes privilegiados da memória involuntária não são pontos imóveis, reais uma só vez, como evanescências únicas e fugidias, mas eles passam e repassam, caminhando incessantemente, ainda que por intermitência, em direção à intimidade de sua realização verdadeira, passando da irrealidade à profundidade oculta que eles alcançam tão logo atingem o centro imaginário e secreto da esfera que representa a obra, a partir do qual ela parece de novo engendrar-se no preciso instante em que se perfaz (LV, 36). Em última análise, a memória é esta esfera, em cujo bojo se guardam pequenos instantes de insuspeita grandeza, que a rotação lenta e volumosa trará de novo e de novo, transfigurados, agora, pelo dom epifânico da ressurreição, arrastando atrás de si todo um universo de sensações e impressões, e cujo centro é a rubra morada do próprio Tempo, tempo que é ser, que é devir, que é história.

(10) Antonio Jardim. *Música: Vigência do Pensar Poético*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, UFRJ, 1997, p. 152.

Conclusão

A memória é a força constitutiva do homem. Sem memória, não haveria passado, presente ou futuro. Um homem sem memória seria como um rio cuja foz secasse, cujo leito perdesse a profundidade e cujo rumo se turvasse pela falta de um norte, pela incerteza da sorte. A memória outorga à existência humana a sua unidade, sem a qual não haveria qualquer conquista espiritual, qualquer refinamento vital, qualquer acréscimo de ser, pois tudo se dissiparia na correnteza cega do tempo. Esta unidade, contudo, não é estática e permanente como um princípio metafísico, aferrado a seus dogmas e seguro de si mesmo. É uma unidade movente e devenida, essencialmente dinâmica, que representa

dramaticamente, não o papel definido e encerrado em si mesmo do *unificado*, mas a viva legenda processual do *unificante*, cujo operar jamais se estanca nem se perfaz, pois o que se apresenta no horizonte móvel do tempo, no eterno retorno do mesmo, solicita incessantemente um ulterior aprofundar e um novo reunir.

A grandeza de Bergson consiste em ter retirado a memória, mesmo para fins de pesquisa científica, da fisiologia do cérebro, e tê-la devolvido ao convívio do espírito, de onde jamais a retiraram os poetas. Ao conceber a memória como o ponto de intersecção do espírito e da matéria, Bergson intui que esta misteriosa faculdade humana é uma autêntica concruz, onde convergem e confluem todas as direções da alma e todos os caminhos do tempo, de tal maneira que o espírito se materializa e a matéria se espiritualiza. Sem este intercâmbio dialógico da face infernal e da contraface celestial, o homem vagaria errante pela terra, embrutecido pela aberração de um corpo sem espírito, ou perambularia sinistro e macabro como a fantasmagoria de um espírito sem corpo.

Entretanto, apenas a poesia é capaz de conferir à memória a real dimensão de sua envergadura ontológica. Proust e a sua busca do tempo perdido, que se traduz numa demanda da poética da memória e se consuma na descoberta da verdade do ser, é a prova viva de que a memória não diz o que foi, mas *é* o que diz: “*Mnemosyne* nada diz do real. Ela realiza (...) o que diz. A sua profecia não é antecipação, mas realização do que se profetiza” (11). A característica mais extraordinária e misteriosa da memória, seu atributo mais fecundo e fabuloso é que ela torna transitivo o intransitivo ser do tempo, de modo que se poderia enunciar, pedindo licença poética à língua: a memória acontece o tempo. Neste acontecer, o fluxo temporal liberta-se de sua compulsoriedade, o presente se desobriga de estar aqui e agora, o passado esquece que já passou, o futuro é sem ter sido, e o tempo, com folga para ser, põe-se a criar. A memória é “fabulosa” porque verdadeiramente “fala”; sua linguagem são as imagens que densamente povoam o espaço imaginário, que é o vazio abissal da espaciotemporalização do ser. “E eu era feliz?”, pergunta o poeta, e responde: “Fui-o outrora agora” (12). Rimando existencialmente com esta disposição anímica poder-se-ia dizer também: “Sou-o agora outrora”. No falar da memória, presente, passado, futuro são apenas nomes, vocativos da alma, que convocam as forças

(11) Ronaldo de Melo e Souza. O saber em memória do ser. *Tempo Brasileiro* (1988) 95: 13-30, p. 25.

(12) Fernando Pessoa. *Cancioneiro*. “Pobre velha música”.

subterrâneas do homem e provocam a verdadeira vocação do Tempo: ser.

ABSTRACT: Marcel Proust made memory the privileged instrument of his literary creation, existentially assuming the search for the lost time, which he transformed into the utmost artistic achievement. The careful analysis of the renowned Proustian distinction between the two memories will prepare the way for the interpretation of the involuntary memory as the foundation of the Recherche. Proust's novelty acquires all its prominence when compared to Henri Bergson's conception of *durée*, with its equally famous, but radically distinct, differentiation between the two modes of memory. From the contrast between these two outlooks, the reflection upon the novelist's singularity will gain depth and new light will be shed on the pillars that sustain Proust's immense edifice of recollection.

KEY WORDS Proust; Bergson; memory; temporal space

Bibliografia

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória (Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito)*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

_____. *L'évolution créatrice*. Paris, Presses Universitaires de France, 1948.

_____. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris, PUF, 1976.

BLANCHOT, Maurice. *Le livre à venir*. Paris, Gallimard, 1959. "Collection Idées".

FRAISSE, Luc. *Le processus de la création chez Marcel Proust. Le fragment expérimental*. Paris, José Corti, 1988.

JARDIM, Antonio. *Música: Vigência do Pensar Poético*. Rio de Janeiro, Tese de doutorado, UFRJ, 1997.

MEGAY, Joyce N. *Bergson et Proust. Essai de mise au point de la question de l'influence de Bergson sur Proust*. Paris, J. Vrin, 1976.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1974.

POULET, Georges. *L'Espace proustien*. Paris, Gallimard, 1963.

_____. *Études sur le Temps Humain*. Paris, Plon, 1950.

PROUST, Marcel. *À la Recherche du Temps perdu*. Paris, Gallimard, 1954, 3 vols., "Bibliothèque de la Pléiade".

_____ *No caminho de Swann* (tradução de Mário Quintana). Rio de Janeiro, Editora Globo, 1948.

_____ *O Tempo redescoberto* (tradução de Lúcia Miguel Pereira). Rio de Janeiro, Editora Globo, 8. ed., s/d.

SILVA, Franklin Leopoldo. "Bergson, Proust. Tensões do Tempo". In: NOVAES, Adauto (organização de). *Tempo e história*. São Paulo, Cia. Das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992, 141-153.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. O saber em memória do ser. *Tempo Brasileiro* (1988) 95: 13-30.